



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

GEÓRGIA ISABELLY BALBIBO DE BRITO

**A FACE DA INVEJA NA TERRA DE AVALON: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DA
INVEJOSA PERSONAGEM MORGAUSE**

**GUARABIRA
2018**

GEÓRGIA ISABELLY BALBIBO DE BRITO

**A FACE DA INVEJA NA TERRA DE AVALON: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DA
INVEJOSA PERSONAGEM MORGAUSE**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciada em Letras habilitação em Língua
Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e
Imaginário.

Orientador: Prof. Ms. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA
2018**

B862f Brito, Geórgia Isabelly Balbino de.
A face da inveja na terra de Avalon: uma análise do discurso da invejosa personagem Morgouse [manuscrito] : / Georgia Isabelly Balbino de Brito. - 2018.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Discurso. 2. Inveja. 3. As Brumas de Avalon.

21. ed. CDD 401.41

GEÓRGIA ISABELLY BALBINO DE BRITO

A FACE DA INVEJA NA TERRA DE AVALON: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DA
INVEJOSA PERSONAGEM MORGAUSE

Artigo, apresentado ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e Imaginário.

Aprovada em: 11 de Junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Ms. Cláudia Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A toda minha família, por tudo o que fizeram e fazem por mim, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre ter me dado forças e perseverança para continuar superando as dificuldades encontradas no caminho.

A minha avó, Josefa Balbino, por ter sido sempre uma luz na minha vida e em meus caminhos; a minha tia que é minha segunda mãe, Maria de Lourdes Balbino, por toda compreensão que sempre teve em meus momentos de desespero.

A minha mãe, Zuleide Balbino, que em momento algum hesitou em seus esforços para que eu tivesse a educação que tive. Tudo o que sou hoje devo aos ensinamentos e dias em claro que ela passou, e sei que sempre posso contar com ela para tudo.

Ao meu esposo, Junior Melo, por ter entendido meus momentos de ausência e por aguentar minhas reclamações.

Ao professor Me. Rafael Francisco Braz pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação e amor em ensinar tudo o que sabe durante os três últimos períodos que esteve conosco, tornando-nos pessoas cada vez mais críticas.

Aos funcionários da UEPB, em especial Marcielly, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe, em especial Amanda de Lima e Raquel Paula, pelos momentos de amizade e apoio em que “enlouquecemos” juntas, por todas as noites trocando dúvidas; por nunca terem desistido comigo, por todas as palavras de incentivo trocadas entre nós.

“[...] Se eu quiser ver Gawaine no trono, esta criança é um obstáculo.” (BRADLEY, 1989, p. 23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	BREVE CONSIDERAÇÕES SOBRE BRADLEY	10
3	O DISCURSO SOB A ÓTICA FOUCAULTIANA	12
3.1	No plano do discurso da inveja	13
4	Morgause e seu discurso da inveja em <i>A Grande Rainha</i>	16
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
	REFERÊNCIAS	21

A FACE DA INVEJA NA TERRA DE AVALON: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DA INVEJOSA PERSONAGEM MORGAUSE

Geórgia Isabelly Balbino de Brito*

RESUMO

A literatura tem sido, ao longo das décadas, um caminho de resgate para as raízes humanas, especialmente, com o surgimento do romance, onde muitas das experiências trágicas e dolorosas tornaram-se expressões literárias. O poder das palavras e a forma como estão descritas nos textos, manifestam, na literatura, a mesma ajuda responsável por organizar a nossa subjetividade, por mais que essa permaneça indecifrável. Propomos nesta pesquisa, como corpus analítico a obra *As Brumas de Avalon – A Grande Rainha* (1989), da escritora norte-americana Marion Zimmer Bradley, focalizando o discurso da inveja da personagem Morgause. Para tanto, fundamentas o trabalho à luz da Análise do discurso Michael Foucault (1996), Judith Revel (2005) e Dominique Maingueneau (2015) Na ótica da psicanálise estudada por Melaine Klein (1974) e Zuenir Ventura (1998). A análise nos mostra que o discurso da inveja faz com que a personagem Morgause tenha, também, uma grande relevância neste romance. Todo o trabalho foi feito com base nesta personagem, pois acreditamos que é o retrato da realidade, do que vivenciamos dia a dia e devemos ter muito cuidado com o sentimento que apropriamo-nos ou que depositamos em nossos discursos. A narrativa toma um rumo diferente por conta de Morgause, o que prova o quanto uma pessoa invejosa pode adquirir o controle de determinadas situações e articular tudo, para que tudo o que ela quer possa conseguir

Palavras-Chave: Discurso. Inveja. *As Brumas de Avalon*.

1 INTRODUÇÃO

A literatura tem sido, ao longo das décadas, um caminho de resgate para as raízes humanas, especialmente, com o surgimento do romance, onde muitas das experiências trágicas e dolorosas tornaram-se expressões literárias. O poder das palavras e a forma como estão descritas nos textos, manifestam, na literatura, a mesma ajuda responsável por organizar a nossa subjetividade, por mais que essa permaneça indecifrável.

É descobrindo o outro, no encontro com personagens fictícios, que sentimos e passamos pelas mesmas aflições que eles, muitas vezes, problemas vividos por nós mesmos enquanto leitor. É nos textos literários que buscamos encontrar sentido, reflexão ou até ajuda para nossas atitudes e/ou condições de vida.

* Aluno de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: iza.belly.brito@outlook.com

Podemos construir nossas ideias com base no que a sociedade impõe, fazendo-nos crer que é a maneira certa a seguirmos, tanto em nossas ações quanto em nossos pensamentos, isto acontece desde nossa fase enquanto crianças até a fase adulta, onde colocamo-nos em situações apenas por influência social, seguindo um padrão sem ter o direito individual de opinar sobre o que é certo e/ou errado.

Com o intuito de sermos sempre aceitos pela sociedade acabamos reprimindo-nos, escondendo nossos medos, desejos, preferindo calar quando, na verdade, a vontade é totalmente contrária, deixando que a sociedade retire de nós a liberdade e autonomia que cada um deve ter, desta forma, impedindo-nos de evoluirmos individual e coletivamente.

Negarmo-nos a seguir esses padrões fará com que mudemos, também, o nosso modo de lidar conosco e com os outros, mas é uma caminho a seguirmos em busca de uma identidade própria, individual, mesmo que seja uma minoria que queira ou esteja disposta a lutar por sua ideologia própria. É nítido o quanto as pessoas, cada vez mais, estão insatisfeitas com os padrões impostos, mas acabam seguindo-os como uma forma de justificar suas frustrações e decepções por não conseguirem ir em busca que tudo o que almejam.

O desejo e a necessidade de construirmos e termos a nossa própria identidade, afastando-nos dos estereótipos impostos vem sendo discutido desde o século passado até os dias atuais, o que faz com que avaliemos o quanto já fomos influenciados pelos padrões, mesmo que contra nossa vontade. É por tudo isso que a representação dos papéis de homem ou de mulher vem evoluindo com o passar dos anos, mesmo que ainda falte muito.

A arte literária tem, além de inúmeras características que lhe são peculiares, o poder de mostrar, através do imaginário, sentimentos e sensações que as palavras adquirem, e acabam exercendo um poder de transformar a nossa sociedade. O romance, como bem sabemos, é oriundo dos contos épicos e entre as características mais marcantes desse gênero está a proximidade com a realidade, servindo de ponte entre o real e o imaginário.

Nessa linha de pensamento, propomos neste estudo, a obra *As Brumas de Avallon – A Grande Rainha* (1989), da escritora norte-americana Marion Zimmer Bradley, bem como o discurso de inveja da personagem Morgause, a partir de um estudo analítico da referida obra, em torno das personagens femininas Morgana e Morgause que são sobrinha e tia respectivamente e, assim, como categoria temática demonstraremos o papel do discurso da inveja no texto objeto desta pesquisa e sua influência na narrativa.

Na narrativa *As Brumas de Avalon*, a personagem chamada Morgause enquadra-se perfeitamente no perfil de uma pessoa invejosa empoderada de um discurso invejoso, pois é capaz de tudo para conseguir o que deseja, mesmo que precise passar por cima de alguém

para isso, ela não mede esforços em conseguir o que quer, inclusive sujeitar-se a determinadas situações que seriam, no mínimo, constrangedoras para algumas pessoas.

As Brumas de Avalon é uma série dividida em quatro momentos: *A Senhora da Magia*, *A Grande Rainha*, *O Gamo Rei* e *O Prisioneiro da Árvore*, porém vamos nos ater apenas ao segundo volume - *A Grande Rainha* -, que tem como base fatos e episódios históricos ocorridos na Bretanha na época do Rei Artur por uma ótica feminina. O foco narrativo do romance é a lendária ilha de Avalon e as várias mulheres que moldaram sua história e a da Bretanha: Guinevere, Viviane, Morgana Morgause e Ingrane.

Na maioria das obras de Bradley é perceptível seu amor pela fantasia e a ficção científica. *As Brumas de Avalon*, pertencente ao *Ciclo de Avalon*, pode ser considerada a obra que consagrou a autora, pois foi uma de suas produções mais vendida e mais conhecida, o que fez com que ela fosse uma das escritoras mais lidas mundialmente. As obras escritas por Marion, são sempre descritas por meio de uma perspectiva feminista.

Podemos, nos entanto, especificar nossos objetivos como: a-) evidenciar o papel da escrita feminista de Marion Zimmer; b-) analisar o discurso da personagem Morgause, enraizado em um profundo sentimento de inveja através da teoria foucaultiana; c-) interpretar o discurso e sua materialização, além de correlacionar, este mesmo discurso, aos mecanismos de exclusão, sendo eles internos e/ou externos.

Nessa perspectiva, conduzimos a presente pesquisa, buscando inserir, nesse contexto, discursivo o despertar do pensamento crítico que devemos ter pra analisar corretamente determinadas situações, visando sempre o papel das mulheres na narrativa. Esta pesquisa é de caráter quanti/qualitativa.

Toda a pesquisa foi desenvolvida conforme as áreas de estudo. Quanto ao que referia-se ao discurso Dominique Maingueneau (2015), Judith Revel (2005) e Michael Foucault (1996); enquanto a psicanálise estudada por Melaine Klein (1974) e Zuenir Ventura (1998).

Desta forma, os focos de análise recaem sobre o discurso de inveja da personagem Morgause. Sendo assim, nosso trabalho está dividido em três sessões, assim descritas:

A primeira, intitulada - *Breve considerações sobre Bradley* - destina-se à uma pequena bibliografia da autora, suas obras e sua forma de escrever, onde explanamos, também, um pouco da sua vida pessoal e profissional de Marion.

A segunda sessão, nomeada - *O discurso sob a ótica foucaultiana* - é a parte destinada a uma breve discussão sobre a teórica sobre o discurso, com fundamentação nos

mecanismos de interdição, onde mostramos em quais pilares sustentamo-nos para a realização deste trabalho.

Finalizamos com a terceira sessão, chamada - *Morgause e seu discurso da inveja em A Grande Rainha* - onde podemos observar todo o trabalho de análise do discurso desenvolvido nesta pesquisa. Por fim, temos as considerações finais e as referências.

Nessa presente pesquisa, buscamos, pois evidenciarmos a força de um discurso e o valor das palavras e da forma como estas são proferidas. Não buscamos, em momento algum, ressaltar pontos negativos em relação a autora e sua obra, mas sim despertar no leitor um olhar mais profundo e mais detalhado no que está descrito em toda a narrativa. Desta forma, esperamos poder oferecer uma contribuição no tocante à Análise do Discurso, como também, à escrita feminista de uma escritora norte-americana.

2 BREVE CONSIDERAÇÕES SOBRE BRADLEY

Marion Zimmer Bradley, foi uma escritora norte-americana de romances fantasiosos e/ou de ficção científica. Nascida na cidade de Albany em 03 de junho de 1930, no auge da crise de 1929 e morreu aos 69 anos na cidade de Berkeley – Califórnia, no dia 25 de setembro de 1999. A autora iniciou sua carreira literária com a produção de romances como uma alternativa para sobreviver, já que pertencia a uma família bastante humilde e tinha que sustentar aos filhos.

Bradley, escreveu dezenas de livros, tais como *A Torre Proibida*, publicado em 1993; *A Casa de Thendara* (1983), *A Filha da Noite* (1986), *O Poder Supremo* (1996), dentre muitos outros.

Os que pertencem ao ciclo *Darkover*, que é dividido em seis volumes intitulados, respectivamente, *A Chegada em Darkover* (publicado em 1989) é o primeiro e *A Espada Encantada* (publicado em 1992) é o último.

Este ciclo conta a história de um povo que decide explorar e, conseqüentemente, colonizar novos mundos e acabam caindo em um planeta que não fazia parte do plano deles devido suas baixas temperaturas. Com a queda da nave, muitos morrem e outros sobrevivem e decidem consertar a nave na esperança de saírem de Darkover. Toda a série se desenrola contando em cada volume um episódio diferente ocorrido em Darkover.

Há, também, os que pertencem ao *Ciclo de Avalon*, considerados os mais relevantes para a produção deste trabalho, são *A Queda de Atlântida (Teia da Luz - 1983 e Teia das Trevas - 1993)*, *A Espada de Avalon*, *Os Corvos de Avalon*, *A Casa da Floresta* (1994), *A*

Senhora de Avalon (1996), *A Sacerdotisa de Avalon* (2000), *As Brumas de Avalon* (1993) (*A Senhora da Magia, A Grande-Rainha, O Gamo-Rei e O Prisioneiro da Árvore*).

Todo este ciclo é melhor compreendido quando lido na ordem descrita acima, pois um livro completa o outro e é a partir destas leituras que será melhor entendida a mitologia da criação de Avalon, desde a Atlântida até os tempos Arturianos.

Em sua obra *A Casa da Floresta* (1994), conta a história de um romance que se passa na Bretanha e trata-se de um amor quase impossível entre duas pessoas de culturas distintas, a mulher que é uma sacerdotisa bretã e ele um romano, o que era um afronte à sociedade da época. Tudo isso gera uma série de conflitos após os dois assumirem seus sentimentos.

No que diz respeito *As Brumas de Avalon* (1993), pertencentes ao *Ciclo de Avalon* é constituído por quatro volumes *A Senhora da Magia; A Grande Rainha; O Gamo Rei e o Prisioneiro da Árvore*. Estes romances permaneceram durante três meses na lista dos *best-sellers* do *New York Times*[†].

No volume um, *A Senhora da Magia* (1982), conta-se a história de Viviane, Ingrane e Morgana (personagem principal) através das lendas arturianas sob à ótica feminina. Ingrane, pagã de Avalon, será a mãe do Rei Arthur no futuro, mas antes é obrigada a casar-se com o Duque de Cornoália, um cristão fervoroso, com quem tem uma filha, Morgana. Viviane é mãe de Lancelote, e é a grande sacerdotisa que em nome da grande deusa decidia a maioria dos destinos das pessoas daquela época.

No segundo volume, intitulado *A Grande Rainha* (1989), é uma continuação do primeiro volume, no qual é possível compreendermos melhor alguns acontecimentos que transcorreram no volume anterior. Morgana vai à casa da sua tia Morgause, onde dá a luz ao seu primogênito. Todo o livro tem o foco na gravidez de Morgana, já que a mesma é irmã de Arthur, e no possível sucessor ao trono.

No terceiro volume, *O Gamo Rei* (1985), o filho de Morgana já está mais velho e sendo criado por Morgause, o garoto tem o dom da visão, assim como sua mãe. Guinevere, esposa de Arthur, descobre o seu grande segredo e passa a chantageá-lo para que faça tudo o que ela deseja. Morgana casa-se contra sua vontade, mas acaba aceitando seu destino, pois acredita ser tudo pela vontade da grande deusa.

Em *O Prisioneiro da Árvore* (1985), Bradley encerra a saga *As Brumas de Avalon*. Neste volume, Morgana retorna para Camelot e volta-se contra Arthur pela morte de Viviane e contra Merlin, por achar que ele está se voltando ao cristianismo.

[†] Jornal diário estadunidense de grande influência.

3 O DISCURSO SOB A ÓTICA FOUCAULTIANA

A área do conhecimento responsável por analisar as práticas discursivas é a Análise do Discurso (AD) e trata-se de um campo da linguística que analisa as ideologias que constituem o texto, isto é, a política que está por trás de cada discurso. A Análise do Discurso surgiu, inicialmente, na França em meados de 1969 e apoiava-se no estruturalismo, estudo gerenciado por Saussure. Para Maingueneau *apud* Dubois (2015, p. 18) “*desenvolver a análise do discurso é uma forma de ampliar os trabalhos de linguística para as relações entre língua e sociedade, de renovar de alguma maneira os métodos da Filologia*”.

Por tratar-se de um campo pertencente a linguística a Análise do Discurso fez com que os estudos fossem feitos além do que foi dito e/ou está escrito, pois existe uma sociedade por trás de cada discurso e estes são consequências de um povo, cultura e a sociedade.

Foi através da linguística textual, disciplina desenvolvida nos anos de 1960, que os analistas do discurso adquiriram informações consideradas importantes para a estruturação correta dos textos e conseqüentemente dos estudos dos discursos.

A palavra discurso é, de acordo o minidicionário Aurélio (2001, p. 239), “*Peça oratória proferida em público. Exposição metódica sobre certo assunto; arrazoado*”. “*O discurso é ainda a materialidade linguística constituída por problemas filosóficos, sociais, históricos e psicológicos*”.

O discurso da inveja, é feito sempre por uma determinada situação, conforme a personagem Morgause na obra *As Brumas de Avalon – A grande Rainha*, onde seu discurso materializa-se por meio do anseio de tornar-se rainha e querer que isso concretize-se independente do que venha a acontecer.

Para Michel Foucault em seu livro *A Ordem do Discurso* (1996, p. 10) nos afirma que “*o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; [...] – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos apoderar.*”

De acordo com pensamento de Revel (2005, p. 86) ao falar da verdade e dos jogos de verdade conceito, este, definido por Foucault afirma-nos que “*as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; estatuto daqueles que têm o poder de dizer aquilo que funciona como verdadeiro*”, isto é, uma verdade ou pelo menos o que temos como verdade depende muito de quem a profere, pois algumas pessoas têm o poder de dizer algo

todos receberem como verdade absoluta já que quem disse-a é detentor de conhecimento e poder.

Desta forma, acontece com o discurso da personagem Morgause, que será analisado posteriormente, pois as pessoas que a rodeiam, vêm nela uma pessoa mais experiente, com mais conhecimento e, conseqüentemente, mais poderosa no que faz com que o que ela seja acatado por todos como verdade.

2.1 No plano do discurso da inveja

A pessoa invejosa jamais assumira que a tem, mas buscará informações suficientes para conseguir justificar seu comportamento, suas atitudes e seu discurso. Ventura (1998, p. 22), assim, afirma que *“o invejoso destila veneno, olha enviesado, fala com maldade, disfarça, escoteia e dá mordida traiçoeiras”*.

Em primeiro plano, quando falamos de discurso estamos nos referido a materialidade linguística constituída. Segundo o **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras** (2011, p. 448) discurso nada mais é do que um *“texto dito em público ou escrito com essa finalidade. Expressão do pensamento por meio da linguagem verbal”*. Para se estudar analisar o discurso, foi desenvolvida uma ciência que consiste em analisar um enunciado, ou um texto e desencadear os fatores que o cerca, mas que não estão explícitos no texto, esta ciência é denominada Análise do Discurso.

Ela surgiu em meados dos anos de 1969, na França e teve como principais estudiosos M. Pêcheux e Michel Foucault no auge dos estudos estruturalistas. A.D é uma estrutura linguística formada por ideologias, tem caráter psicológico e linguístico correspondendo a estrutura da língua que estuda o enunciado por completo.

[...] a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu conhecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. (FOUCAULT, 1996, p. 8-9)

Nesta linha de pensamento Foucault (1996), afirma que o discurso permite que o indivíduo domine e controle as situações ao seu redor através do que pensa e diz, o que faz com que o discurso seja, em certos casos, um mecanismo de exclusão. No caso deste artigo, analisaremos o discurso da personagem e quais motivos levaram-na a ter tal posicionamento.

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado

ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de modificar. [...]. (FOUCAULT, 1996, p. 9)

O discurso, embora seja individual e próprio de quem o profere, não deixa de ser interditado, uma vez que não podemos dizer tudo o que pensamos e, por este motivo, muitas das vezes utilizamos mecanismos de persuasão “disfarçados” para que o outro não veja de forma explícita o nosso interesse pelo controle de determinadas situações.

O primeiro conceito que devemos analisar para poder, de fato, falarmos da inveja é o conceito desta e de mais dois sentimentos que estão atrelados a ela e que podem ser confundidos quando têm seus conceitos desconhecidos, que são: cobiça e ciúme. Para isso, foi preciso pesquisar sobre do que se trata cada um destes pecados que, embora poucas pessoas assumam ter, a maioria afirma conhecer.

Ventura (1998, p. 14) em seu livro *Inveja Mal Secreto* afirma que existem três distinções básicas entre estes três pecados “*ciúme é querer manter o que se tem; cobiça é querer o que não se tem; inveja é não querer que o outro tenha.*”, ou seja, a inveja seria o mais perigoso de todos, por despertar, muitas vezes, um sentimento de ódio a partir do momento que a pessoa invejosa ver a pessoa invejada conquistar algo e para ele isto é inaceitável.

Podemos fazer a seguinte pergunta: como identificar uma pessoa invejosa, isto é, de que modo ocorre a inveja? Richard Smith (2004) em seu artigo “*A inveja e suas transformações*”, relata os quatro requisitos principais para ocorrer a inveja:

- 1 A pessoa invejada é simétrica a nós em boa parte de suas características: idade, nível socioeconômico, etc.
- 2 Esta semelhança gera a sensação de injustiça, “se somos iguais devemos ter as mesmas coisas”.
- 3 O atributo que o outro possui é de um domínio relevante para nós.
- 4 Nossas perspectivas pessoais de obter este atributo são escassas. (SMITH, 2004, p. 45-46)

Neste caso, a pessoa invejosa não quer apenas que o outro não possua, mas quer que apenas ela tenha. Não há um desejo de conquistar o mesmo que o outro, mas sim que apenas ele/ela conquiste. Se fosse apenas o desejo de ter algo que não tem, tratar-se-ia de cobiça. A inveja ocorre quando queremos não apenas o mesmo que o outro tem, e sim queremos o que o outro tem, não tem que ser igual, tem que ser aquilo que pertence é do outro.

A inveja não é algo novo ou recém inventado, vem muito antes da criação do mundo, quando tudo ainda era apenas água e terra. Os primeiros conflitos envolvendo a inveja podem ser encontrados na sagrada escritura, mais especificamente no livro de Gênesis, na história

dos irmãos Caim e Abel, onde um irmão matou (Caim) o outro (Abel), pelo fato de Deus não ter aceito uma oferta feita por ele, o que despertou nele um sentimento de inveja.

Ventura (1998, p. 37), ainda argumenta que “*a inveja é um mal de difícil cura*”, e isso é explicável pelo fato das pessoas dificilmente assumirem que são invejosas e, desta forma, não buscarem tratamento para este péssimo sentimento.

[...] foi graças à inveja, como garantem o rabino e outros autores, que o primeiro crime da história repercutiu tanto até hoje, fazendo de Caim e Abel dois dos personagens mais populares da bíblia. A inveja foi a responsável pela transformação do que deveria ter sido um episódio fraterno num vergonhoso caso de polícia com um assassino e uma vítima inaugurando a violência no mundo. (VENTURA, 1998, p. 106)

É, inevitável, pensarmos nesta fatalidade sem fazermos-nos a seguinte pergunta: uma pessoa invejosa é capaz de tudo? E, talvez, a resposta não seja tão difícil de ser explicada após lermos a história de Caim e Abel. Um irmão, que foi capaz não só de matar, mas de montar uma armadilha para pegar seu irmão e matá-lo pelo simples fato de achar que ele estaria tirando algum privilégio dele. Há quem diga que Caim matou Abel por ciúmes. Zuenir Ventura, com base nos estudos da psicanalista Melanie Klein reafirma,

Se Caim tivesse matado Abel por ciúme, ciúme passional, por exemplo, teria tido a mesma repercussão? A psicanalista Melanie Klein, [...]. Segundo ela, ao contrário dela, uma “paixão vil”, o ciúme contém uma carga de amor que lhe concede o benefício de atenuantes, [...]. O crime passional de um ciumento é em geral menos grave do que de um invejoso. (VENTURA, 1998, p. 107)

A pessoa invejosa é capaz de tudo para conseguir o que quer, inclusive cometer um crime. No livro *As Brumas de Avalon – A Grande Rainha*, é perceptível que a personagem, Morgause, é capaz de tudo para ter o que almeja, inclusive fazer o mesmo que Caim, porém este será um assunto tratado posteriormente. Enquanto isso, vejamos o que Foucault diz sobre os mecanismos de interdição, que estão inteiramente ligados à cobiça, ciúme e inveja.

3 Morgause e seu discurso da inveja em *A Grande Rainha*

A narrativa escrita por Marion Zimmer Bradley, *As Brumas de Avalon*, é dividida em quatro volumes, porém vamos nos ater, apenas, ao segundo volume, intitulado “*A Grande Rainha*”, como já foi dito anteriormente. Um dos discursos mais marcantes desta narrativa é o da personagem, Morgause, que é tia de Morgana (mãe do filho de Artur e herdeiro mais próximo do trono).

Em *A Grande Rainha*, há um grande dilema familiar, Morgana está grávida e não sabe quem é o pai da criança, vai à casa da sua tia, Morgause, para ter seu filho, porém sua tia

descobre através de um feitiço que o filho de Morgana é do irmão dela, o rei Artur. Todo o desenrolar maior inicia-se após esta descoberta de Morgause, pois ela começa a especular sobre o herdeiro do trono e chega à conclusão de que o menino é o mais próximo herdeiro, a partir momento, ela inicia um embate contra Morgana.

A moça fechou os olhos e Morgause ficou sentada afagando-lhe a mão e pensando. Gawaine é homem de Artur, não importa o que aconteça. Lot não teria nenhuma vantagem com Gawaine no trono. Este – não importa quantos filhos Artur possa ter – é o seu primogênito. Artur foi criado como cristão e faz questão de ser rei de cristãos; consideraria este filho do incesto uma vergonha. É bom conhecer algum segredo grave de um rei. Mesmo de Lot, embora eu o ame, procurei sempre conhecer certos detalhes de seus pecados e de sua luxúria... (BRADLEY, 1989, p. 26 ?)

Há uma forte presença da dualidade religiosa: paganismo e cristianismo, o primeiro representado por Morgana e o segundo por Gwenthwyfar (a grande rainha, responsável pelo título do livro), são muitas as passagens em que Gwenthwyfar demonstra o desejo de converter a todos do reino ao cristianismo, inclusive, Artur, que havia feito uma promessa à Avalon de não converter-se ao cristianismo.

Morgause, sonha em ter um de seus filhos como herdeiro do trono, toma o filho de Morgana para cria-lo como seu e facilitar o alcance de sua família ao tão sonhado trono. É, a partir do nascimento de Mordred, filho de Morgana, e após a descoberta de quem seja seu pai, que inicia a ambição do Morgause perante sua sobrinha e o seu filho. Morgause é capaz de tudo para conseguir o que quer, inclusive, esquecer-se de seus laços familiares em nome do “poder”.

[...] uma genealogia do poder é indissociável de uma história da subjetividade, se o poder não existe senão em ato, então é à questão de “como” que ele retorna para analisar suas modalidades de exercício, isto é, tanto à emergência histórica de seus modos de aplicação quanto aos instrumentos que ele se dá, os campos onde ele intervém, a rede que ele desenha e os efeitos que ele implica numa época dada. (REVEL, 2005, p. 67)

A todo instante é perceptível que o discurso de Morgause é de exclusão¹ ao mesmo tempo que é de controle sendo estes, por sua vez, mecanismos de interdição, que são capazes de manter tudo ao seu redor sob controle, ou seja, a personagem busca, através do seu discurso persuasivo, controlar a tudo e a todos para conseguir o que ela deseja – o tão sonhado título de rainha.

Embora Morgause, seja tia de Morgana e, conseqüentemente, do seu filho, ela passa a odiar a criança assim que esta vem a mundo, pelo simples fato de pensar que este poderia ser o futuro rei.

¹ Trata-se de um procedimento, descrito por Foucault, que é responsável por delimitar um discurso a quem o pronuncia, isto é, excluindo os demais

Pensou, então, contra a vontade, nas palavras de Lot. Seu eu quiser ver Gwaine no trono, esta criança é um obstáculo. Não quisera ouvir quando Lot dissera isso, mas com a criança nos braços, não podia deixar de pensar que não seria tão grave assim se ela fosse mal colocada pela ama, ou tivesse demasiado fraca para mamar. E se Morgana ainda não a tivesse segurado ou amamentado, não sentiria muito; a criança não teria vivido pela vontade de Deus. (BRADLEY, 1989, p. 23)

Nesta parte do discurso de Morgause já dar para começar a perceber que ela começa a ver à criança como um empecilho para que ela consiga chegar mais próximo do trono. Ela então começa à imaginar as possibilidades da criança não resistir ao nascimento por não conseguir se alimentar, isto é, imagina uma possível morte para a criança, mas diz que seria da vontade de Deus e não por culpa dela. Morgause passa a querer controlar a vida da criança até o momento em que decide cria-lo como filho seu e de Lot.

Morgause inclinou-se e começou a colocar a criança, toda enrolada, nos braços de Morgan. Hesitou, então: se ela segurasse o filho uma vez, desejaria amamenta-lo, sentiria amor por ele, preocupar-se-ia com seu bem-estar. Mas se a criança fosse entregue a uma ama-de-leite antes mesmo que a mãe pudesse ver-lhe o rosto... bem, nesse caso não sentiria grande coisa, e o menino ficaria sendo, na realidade, o filho de seus pais adotivos. E seria bom que o primogênito de Artur, o filho que não ousava reconhecer, sentisse a maior fidelidade para com Lot e Morgause como seus verdadeiros pais; que os filhos de Lot fossem seus irmãos, e não os filhos que Artur pudesse ter, quando se casasse. (BRADLEY, 1989, p. 26)

Criando o filho de Morgana como seu e de Lot, faria com que ele não tivesse tanta chance de assumir o trono no lugar de Artur, além de utilizar um discurso persuasivo para Morgana com o intuito de fazer com que ela aceite que sua tia crie seu filho por ele ser bastardo e talvez não fosse da vontade de Artur reconhecê-lo como seu filho, mas Morgause não pensa em tudo isso visando, apenas, o bem estar de sua sobrinha e do filho dela, mas sim em função do seu desejo de estar ou de ter seu filho como o grande rei.

- Não, Morgana. Você não tem forças para segurá-lo e amamenta-lo e... – Buscou apressadamente uma mentira em que a moça, ignorante em tudo o que se relacionava com o assunto, pudesse acreditar. – Se você o segurar, ainda que seja uma vez só, ele não mamará da ama-de-leite; por isso é preciso entregá-lo a ela imediatamente. Você poderá pegá-lo no colo, quando ficar um pouco mais forte e ele estiver bem alimentado. (BRADLEY, 1989, p. 26)

As marcas de um discurso controlador[§] e persuasivo são claras nas falas de Morgause, e podem ser identificadas como marcas de poder, pois ela busca ter o domínio de todas as situações para que nada fuja do seu controle. A inveja, no discurso de Morgause, não está associada, apenas, a querer o mesmo que o outro tem, mas a querer tirar do outro o que ela quer por desejo próprio.

[§] Designa, num primeiro momento, uma série de mecanismos de vigilância que aparecem entre os séculos XVIII e XIX e que têm como função não tanto punir o desvio, mas corrigi-lo, e, sobretudo, preveni-lo: “Toda a penalidade do século XIX transforma-se em controle, não apenas sobre aquilo que fazem os indivíduos – está ou não em conformidade com a lei? – mas sobre aquilo que eles podem fazer, que eles são capazes de fazer, daquilo que eles estão sujeitos a fazer”. (REVEL, 2005, p., 29)

Quase todas as histórias de inveja demonstram que dificilmente ela age sozinha; está sempre em má companhia. Pertence a uma família incestuosa em que às vezes não se sabe quem é filha e quem é irmã, sabe-se apenas que todos são parentes. A inveja lembra o ciúme, mas também a cobiça, e com os dois se confunde. É mesquinha como a avareza e mantém com o ódio relações tão estreitas que há quem diga que uma não existe sem o outro. (VENTURA, 1998, p. 106)

Através desse conceito de controle, podemos dizer que, o discurso que a personagem Morgause utiliza é inteiramente controlador, pois ela faz com que sua sobrinha pense que ela quer cuidar de seu filho apenas para preservá-lo, mas por trás disso existe a ganância de conquistar o trono, de que um de seus filhos seja o herdeiro e por este motivo usa do discurso para persuadir Morgana, mas na verdade seu desejo é de apenas manter o controle de tudo para que seus planos não sejam cancelados.

E embora Morgana começasse a chorar e estendesse os braços soluçando, Morgause levou a criança para fora do quarto. Pensou: *Agora, ele será filho adotivo de Lot, e temos sempre uma arma contra o Grande Rei. E tenho certeza de que Morgana, quando estiver boa, não lhe dará muita importância, e sentir-se-á feliz em deixá-lo comigo.* (BRADLEY, 1989, p. 26-27)

Morgause não decide criar o filho de Morgana apenas por ser seu sobrinho, ou por querer ajudar a sobrinha, mas sim pela ambição de que um de seus filhos herdasse o trono de Artur, por isso resolveu criá-lo como filho adotivo. É incrível como ela consegue “arrancar” o filho dos braços da mãe, sem deixá-la ao menos despedir-se, e ainda tem certeza de que a sobrinha lhe será grata futuramente. A inveja de Morgause é capaz de fazer com que ela esqueça o quanto amava sua sobrinha e passe a pensar apenas na herança do trono.

Ventura (1998, p. 25), diz “*Tanta gente confessando conhecer a inveja e tão poucos admitindo cometê-la reforçava o que se dizia em quase todos os textos que eu estava lendo: que ela era um pecado vergonhoso e “inconfessável”, pelo menos publicamente.*”. É claro que Morgause jamais assumiria, como muitas pessoas, que o que ela sentia era inveja, preferia dizer que era cuidado, prevenção para um caos familiar que poderia ocorrer futuramente, quando na verdade era algo doentio e possessivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso, foi desenvolvida a análise bibliográfica do discurso de inveja presente na obra *As Brumas de Avalon – Vol. 2 – A Grande Rainha*, da autora norte-americana Marion Zimmer Bradley. A análise realizada parte de uma reflexão feita acerca do discurso e da ideologia que o cerca. Deste modo, a pesquisa intitulada *A face da inveja na terra de Avalon: uma análise do discurso da invejosa personagem Morgause*,

analisou o discurso da personagem Morgause, com base em seus fundamentos e motivos que levaram-a agir de tal maneira.

A pertinência e a relevância desta pesquisa estão presentes em sua categoria temática que traz à luz a Análise do Discurso apropriado de um sentimento que a maioria das pessoas têm, mas que dificilmente assumem, que é a inveja. O que torna o discurso analisado, ainda, mais relevante é o fato dele ser próprio de uma tia Morgause para com sua sobrinha Morgana, o que torna-o, ainda, mais polêmico e curioso.

Consideramos que as estratégias narrativas, isto é, o foco narrativo, a escrita utilizada, a descrição das cenas, o espaço em que as situações acontecem, as personagens, são artefatos muito bem cuidados pela autora, o que contribui com uma leitura prazerosa e fluida. Portanto, a autora faz uso de uma escrita de fácil compreensão que torna a sua leitura fluida e compreensiva.

Analisamos, ainda, no texto de Bradley a presença marcante de personagens femininas, principalmente, pelo fato de contar uma história por meio da ótica feminina, o que torna o discurso ainda mais rebuscado e minucioso. Por tratar-se de um “discurso polêmico”, o discurso da inveja faz com que a personagem Morgause tenha, também, uma grande relevância neste romance. Todo o trabalho foi feito com base nesta personagem, pois acreditamos que é o retrato da realidade, do que vivenciamos dia a dia e devemos ter muito cuidado com o sentimento que apropriamo-nos ou que depositamos em nossos discursos.

A narrativa toma um rumo diferente por conta de Morgause, o que prova o quanto uma pessoa invejosa pode adquirir o controle de determinadas situações e articular tudo, para que tudo o que ela quer possa conseguir.

Com a publicação de *As Brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley, observamos claramente a importância que as mulheres desempenham neste romance, embora trate-se de uma lenda de um rei Rei Arthur, são elas as principais personagens. Embora, tenhamos dado um foco maior à Morgause, não podemos esquecer da grande participação de Ingraine, Guinevere, Morgana e Viviane, que são da mesma família e participam de todo o desenrolar da história.

Dentre várias ideologias presentes no texto, estão algumas bem típicas da época as cobranças sobre uma mulher para a existência de um herdeiro, a briga por um trono, as grandes cerimônias/festas que aconteciam, onde em uma delas Morgana teve relações com seu próprio irmão, com quem teve um filho, sem ter conhecimento de quem era ele.

Observamos, portanto, que o discurso da personagem Morgause, dá a ela uma espécie de apropriação do “poder”, uma vez que utiliza-se sempre da persuasão para

convencer a todos que estão ao seu redor. Sendo assim, podemos afirmar que o discurso de Morgause, partindo de uma análise investigativa, está interligado a um jogo de verdade entre ela e os prováveis herdeiros do trono de Artur, por isso pode ser compreendido diante do contexto em que está inserido.

Portanto, arguimos, na obra de Bradley, uma literatura que objetiva alcançar grande prestígio por parte dos seus leitores e que desperta, em quem ler, o desejo e a curiosidade de ler os outros volumes da série *As Brumas de Avalon*, como também, de todo o ciclo de Avalon. Não há dúvidas de que gostando ou não de histórias medievais, todo sujeito que as leem estas obras passará a ter outros olhos para estas tramas míticas.

Desta forma, podemos dizer que esta obra foi uma das responsáveis por consagrar a escritora norte-americana como uma das escritoras mais lidas no mundo inteiro, mesmo sendo uma narrativa contada e vista por uma ótica feminina, em momento algum a autora deixou a desejar visando apenas um dos lados. Bradley soube estruturar e relacionar muito bem os fatos ocorridos na narrativa, e por tratar-se de uma série onde um livro completa o outro, faz com que criemos ainda mais expectativas para as leituras futuras.

RÉSUMÉ

La littérature a été, au fil des décennies, un chemin de secours pour les racines humaines, en particulier avec l'émergence du roman, où la plupart des expériences tragiques et douloureuses sont devenues des expressions littéraires. Le pouvoir des mots et la façon dont ils sont décrits dans les textes, qui se manifeste dans la littérature, la même aide responsable de l'organisation de notre subjectivité, mais qui reste illisible. Nous vous proposons dans cette recherche comme un corpus d'analyse du travail *Les Brumes d'Avalon - La Grande Reine* (1989), l'auteur américain Marion Zimmer Bradley, en mettant l'accent sur le caractère de la parole envie Morgause. Par conséquent, fondamentas travaillent à la lumière de l'analyse du discours Michel Foucault (1996), Judith Revel (2005) et Dominique Maingueneau (2015) Dans la perspective psychanalytique étudiée par Melanie Klein (1974) et Zuenir Ventura (1998). L'analyse montre que le discours de l'envie fait que le personnage Morgause a aussi une grande pertinence dans ce roman. Tous les travaux ont été effectués en fonction de ce personnage, parce que nous croyons est l'image de la réalité, de ce que nous vivons au jour le jour et nous devrions être très prudents avec le sentiment que nous apropiamo ou nous place dans notre discours. Le récit prend une approche différente en compte Morgause, qui montre comment une personne jalouse peut acquérir le contrôle de certaines situations et tout articulé, de sorte que tout ce qu'elle veut réaliser

Mots-clés: Discours. Envie. Les brumes d'Avalon.

REFERÊNCIAS

- BRADLEY, Marion Zimmer. **As Brumas de Avalon: a saga das mulheres por trás dos bastidores do Rei Artur**; v. 2. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.
- DICIONÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**: língua portuguesa / Ivanildo Bechara (organizador). – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o mini dicionário da língua portuguesa** / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira. 4. Ed. rev. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- KLEIN, Melanie. **Inveja e Gratidão**. Coleção Psicologia Analítica; 1ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Alguns elementos de história*. In: **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015, p. 15-21.
- MAINGUENEAU, Dominique. *A noção de discurso*. In: **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015, p. 23-33.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso, texto, corpus*. In: **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015, p. 35-41.
- REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Editora Clara Luz, 2005.
- SMITH, R. H. Envy and its transmutations. In Tiedens, L.Z. e Leach C.W. (2004) - The social life of emotions. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- VENTURA, Zuenir. **Inveja – Mal Secreto**. Coleção Plenos Pecados; 1ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA, 1998.